

Charrua natural

Marcus Groza*

Arquitetei fugas.

Confabulei com o sol e com a chuva.

Tênués conchavos.

Pensei em maneiras de não me preservar.

Mas hoje me delata a erosão
das calçadas
que meus pés canhestros solaparam.

Primeira máquina

o seu corpo é poça
água com membranas
sal que endureceu

a primeira máquina foi a boca
salivando diante
antes do dedo ser pinça em beliscão
antes de carne acometer
antes mesmo da biles ter a cor da peste
antes do alvoroço
a pele
que me separa

se é estômago solapão ou vala
foi fogo inaugural a febre
carunchando em poeira a pedra

Embuste pra viagem

Gasto quase todo o tempo pensando no que eu poderia por nos anexos.
Lustro devagar as partes metálicas, arranco a rebarba dos nós com a língua.
Tem dentro folhas pautadas, perfurações e costuras com fios de bronze.
No meio, o seu reflexo paira sem gravidade feito uma bolha de queimadura.

Não sei se é muito formal mandar cruzado que nem cheque
ou se mandar enrustido num plástico grosso já é o suficiente.
Há um mecanismo solto que vai saltando pelo andar da carruagem,
há um caldo amarelo sendo vertido pela emendas que ainda doem no frio.

Mas não fique de sobreaviso, vai demorar, vai sem remetente,
porque, se não lhe encontram em casa, não quero saber.
Se recebo de volta, com um [tique] dentro do quadradinho de *falecida*,
vou me sentir culpado como se fosse eu mesmo a minha mão assassina.

[sentítulo]

língua
morta
encontrada
entre crimes

confessos
dentro da
boca
dissimulada
entre as cáries
e o tártaro
se não sangra
é gosto de bala
enferrujada
língua
vertida
pela metade
quisera crescesse
e crescesse
de novo desde o toco
feito um rabo

Voo agora

Tropecei, ave canhestra,
ao rés-do-chão, à sombra de luas sem périplo.
Voo agora... mas sobrevivo só de restos de ruídos,
num céu de campainhas endurecidas.

Canção

Amor,

Come¹ as vibrações das minhas câimbras,
que de manhã o mistério alargou a minha gula,
pega e empurra as minhas peles,
deita por cima das minhas costuras.

Estaca diante de mim as suas guelras,
descobre semblantes do absurdo
reclama pra você as minhas trevas
encera e abençoa o que eu procuro.

Senta praça aqui nas minhas costas,
preciso de você, feito guincho.
Pro nosso ralo de fundo costura um pano,
me deixa nas esquinas urina e muco.

* Marcus Groza (pseudônimo de Marcus Wesley Guimarães Rosa), poeta, professor e dramaturgo. Bacharel em Filosofia pela USP. Atualmente, Mestrando em Artes pelo IA/UNESP.

1 SIC, tal como para os outros imperativos que não seguem a norma gramatical.